

ANTHONY GIDDENS

AS CONSEQÜÊNCIAS DA
MODERNIDADE

Tradução de
Raul Fiker

5a Reimpressão

EDITORA UNESP
FUNDAÇÃO

Copyright © 1990 by Polity Press - Brasil Blackwell

Titulo original em inglês: *The Consequences of Modernity*

Copyright © 1991 da tradução brasileira:

Editora UNESP da Fundação para o Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista
(FUNDUNESP)

Praça da Sé, 108

01001-900-São Paulo-SP

Tel.:(0xx11)232-7171 Fax: (0xx11) 232-7172

Home page: www.editora.unesp.br

E-mail: feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro,
SP, Brasil)

Giddens, Anthony

As conseqüências da modernidade / Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. - São
Paulo: Editora UNESP, 1991. -(Biblioteca básica)

ISBN 85-7139-022-3

1. Civilização moderna 2. Estrutura social 3. Pós-modernismo I. Título.

91-1752

CDD-305.552

-909.08

Índices para catálogo sistemático:

1. *Civilização moderna* 909.08
2. *Estrutura social: Sociologia* 305
3. *Pós-modernismo: Civilização* 909.08

O dinamismo da modernidade deriva da *separação do tempo e do espaço* e de sua recombinação em formas que permitem o "zoneamento" tempo-espacial preciso da vida social; do *desencaixe* dos sistemas sociais (um fenômeno intimamente vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espaço); e da *ordenação e reordenação reflexiva* das relações sociais à luz das contínuas entradas (inputs) de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos. Devo analisar isto mais detalhadamente (incluindo um exame inicial da natureza da confiança), a começar pela ordenação do tempo e do espaço.

Modernidade, Tempo e Espaço

Para compreender as íntimas conexões entre a modernidade e a transformação do tempo e do espaço, temos que começar traçando alguns contrastes com a relação tempo-espaço no mundo pré-moderno.

Todas as culturas pré-modernas possuíam maneiras de calcular o tempo. O calendário, por exemplo, foi uma característica tão distintiva dos estados agrários quanto a invenção da escrita. Mas o cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar — e era geralmente impreciso e variável. Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores sócioespaciais: "quando" era quase, universalmente, ou conectado a "onde" ou identificado por ocorrências naturais regulares. A invenção do relógio mecânico e sua difusão entre virtualmente todos os membros da população (um fenômeno que data em seus primórdios do final do século XVIII) foram de significação-chave na separação entre o tempo e o espaço. O relógio expressava uma dimensão uniforme de tempo "vazio" quantificado de uma maneira que permitisse a designação precisa de "zonas" do dia (a "jornada de trabalho", por exemplo).¹²

O tempo ainda estava conectado com o espaço (e o lugar) até que a uniformidade de mensuração do tempo pelo relógio mecânico correspondeu à uniformidade na organização social do tempo. Esta mudança coincidiu com a expansão da modernidade

¹² Eviatar Zerubavel, *Hidden Rhythms: Schedules and Calendars in Social Life* (Chicago: University of Chicago Press, 1981)

e não foi completada até o corrente século. Um de seus principais aspectos é a padronização em escala mundial dos calendários. Todos seguem atualmente o mesmo sistema de datação: a aproximação do "ano 2.000", por exemplo, é um evento global. Diferentes "Anos Novos" continuam a coexistir mas estão incluídos no interior de um modo de datação que se tornou, para todos os efeitos, universal. Um segundo aspecto é a padronização do tempo através de regiões. Mesmo no final do século XIX, áreas diferentes dentro de um único estado geralmente tinham "tempos" diferentes, enquanto entre as fronteiras dos países a situação era ainda mais caótica.¹³

O "esvaziamento do tempo" é em grande parte a pré-condição para o "esvaziamento do espaço" e tem assim prioridade causal sobre ele. Pois, como devo argumentar adiante, a coordenação através do tempo é a base do controle do espaço. O desenvolvimento de "espaço vazio" pode ser compreendido em termos da separação entre *espaço e lugar*. É importante enfatizar a distinção entre estas duas noções, pois elas são freqüentemente usadas mais ou menos como sinônimos. "Lugar" é melhor conceitualizado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente.¹⁴ Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela "presença" — por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.

O deslocamento do espaço do lugar não é, como no caso do tempo, intimamente relacionado à emergência de modos uniformes de mensuração. Meios de subdividir o

¹³ 13. Stephen Kern, *The Culture of Time and Space 1880-1918* (London: Weidenfeld, 1983).

¹⁴ Giddens, *The Constitution of Society*.

espaço de modo fidedigno sempre foram mais prontamente disponíveis do que meios de produzir mensurações uniformes do tempo. O desenvolvimento do "espaço vazio" está ligado acima de tudo a dois conjuntos de fatores: aqueles que concedem a representação do espaço sem referência a um local privilegiado que forma um ponto favorável específico; e aqueles que tornam possível a substituição de diferentes unidades espaciais. A "descoberta" de regiões "remotas" do mundo por viajantes e exploradores ocidentais foi a base necessária para ambos. O mapeamento progressivo do globo que levou à criação de mapas universais, nos quais a perspectiva desempenhava um pequeno papel na representação da posição e forma geográficas, estabeleceu o espaço como "independente" de qualquer lugar ou região particular.

A separação entre o tempo e o espaço não deve ser vista como um desenvolvimento unilinear, no qual não há reversões ou que é todo abrangente. Pelo contrário, como todas as tendências de desenvolvimento, ela tem traços dialéticos provocando características opostas. Além do mais, o rompimento entre tempo e espaço fornece uma base para sua recombinação em relação à atividade social. Isto é facilmente demonstrado tomando-se o exemplo do horário. Um horário, tal como uma tabela que marca as horas em que correm os trens, pode parecer à primeira vista meramente um mapa temporal. Mas na verdade é um dispositivo de ordenação tempo-espaço, indicando quando e onde chegam os trens. Como tal, ele permite a complexa coordenação de trens e seus passageiros e cargas através de grandes extensões de tempo-espaço.

Por que a separação entre tempo e espaço é tão crucial para o extremo dinamismo da modernidade?

Em primeiro lugar, ela é a condição principal do processo de desencaixe que passo a analisar de maneira breve. A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, "vazias", penetram as conexões entre a atividade social e seus "encaixes" nas particularidades dos contextos de presença. As instituições desencaixadas dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço e, para ter este efeito, dependem da coordenação através do tempo e do espaço. Este fenômeno serve para

abrir múltiplas possibilidades de mudança liberando das restrições dos hábitos e das práticas locais.

Em segundo lugar, ela proporciona os mecanismos de engrenagem para aquele traço distintivo da vida Social moderna, a organização racionalizada. As organizações (inclusive os estados modernos) podem às vezes ter a qualidade um tanto estática, inercial, que Weber associava à burocracia, mas mais comumente elas têm um dinamismo que contrasta agudamente com as ordens pré-modernas. As organizações modernas são capazes de conectar o local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas.

Em terceiro lugar, a historicidade radical associada à modernidade depende de modos de "inserção" no tempo e no espaço que não eram disponíveis para as civilizações precedentes. A "história", como a apropriação sistemática do passado para ajudar a modelar o futuro, recebeu seu primeiro estímulo importante com a primitiva emergência dos estados agrários, mas o desenvolvimento das instituições modernas lhe deu um novo ímpeto fundamental. Um sistema de datação padronizado, agora universalmente reconhecido, possibilita uma apropriação de um passado unitário, mas muito de tal "história" pode estar sujeito a interpretações contrastantes. Em acréscimo, dado o mapeamento geral do globo que é hoje tomado como certo, o passado unitário é um passado mundial; tempo e espaço são recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência.

Desencaixe

Que me seja permitido agora considerar o desencaixe dos sistemas sociais. Por desencaixe me refiro ao "deslocamento" das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço.

Os sociólogos têm discutido com freqüência a transição do mundo tradicional ao mundo moderno em termos de conceitos de "diferenciação" ou "especialização funcional". A mudança de sistemas de pequena escala para civilizações agrárias e, então,